

RUTGER BREGMAN

Humanidade

UMA HISTÓRIA OTIMISTA DO HOMEM

CRÍTICA

Tradução
Claudio Carina

CRÍTICA

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Copyright © Rutger Bregman, 2020
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2021
Copyright © Claudio Carina
Título original: *Humankind: A Hopeful History*
Todos os direitos reservados.

Preparação: Thais Rimkus
Revisão: Fernanda Guerriero Antunes e Diego Franco Gonçalves
Diagramação: Aline Romão
Capa: Filipa Damião Pinto | Foresti Design

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Bregman, Rutger
Humanidade: uma história otimista do homem / Rutger Bregman;
tradução de Claudio Carina. – São Paulo: Planeta, 2021.
464 p.

ISBN 978-65-5535-276-4

Título original: *Humankind – A Hopeful History*

1. Humanidade 2. Antropologia filosófica I. Título II. Carina, Claudio

21-0050

CDD 128

Índices para catálogo sistemático:
1. Humanidade - Antropologia filosófica

2021
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP – CEP 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

SUMÁRIO

<i>Prólogo</i>	11
1. Um novo realismo	19
2. O <i>Senhor das moscas</i> da vida real.	37
PARTE 1 O ESTADO DA NATUREZA	
3. A ascensão do <i>Homo cachorrinho</i>	63
4. O coronel Marshall e os soldados que não atiravam	87
5. A maldição da civilização	105
6. O mistério da Ilha de Páscoa	123
PARTE 2 DEPOIS DE AUSCHWITZ	
7. Nos porões da Universidade Stanford	149
8. Stanley Milgram e a máquina de choque	165
9. A morte de Catherine Susan Genovese	183
PARTE 3 POR QUE PESSOAS BOAS SE TORNAM MÁS	
10. Como a empatia cega	201
11. Como o poder corrompe	219
12. O que deu errado no Iluminismo	235
PARTE 4 UM NOVO REALISMO	
13. O poder da motivação intrínseca	255
14. <i>Homo ludens</i>	269
15. É assim que a democracia parece ser	285

PARTE 5 A OUTRA FACE

16. Tomando chá com terroristas	309
17. O melhor remédio para o ódio, a injustiça e o preconceito . . .	329
18. Quando os soldados saíam das trincheiras	345

<i>Epílogo</i>	359
<i>Agradecimentos</i>	376
<i>Notas</i>	378
<i>Índice remissivo</i>	442

CRÍTICA

1 UM NOVO REALISMO

CRÍTICA

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Este livro é sobre uma ideia radical.

Uma ideia que há muito se sabe que deixa governantes nervosos. Uma ideia negada por religiões e ideologias, ignorada pela mídia e apagada dos anais da história do mundo.

Ao mesmo tempo, é uma ideia legitimada por praticamente todos os campos da ciência. Uma ideia corroborada pela evolução e confirmada no dia a dia. Uma ideia tão intrínseca à natureza humana que passa despercebida.

Se ao menos tivéssemos coragem de levá-la mais a sério, seria uma ideia capaz de dar início a uma revolução. Virar a sociedade de cabeça para baixo. Pois, quando se entende seu significado real, não é nada menos que uma droga alucinante que nos levaria a nunca mais ver o mundo da mesma maneira.

E qual é essa ideia radical?

É a de que, no fundo, a maioria das pessoas é bastante decente.

Não conheço ninguém que explique melhor essa ideia que Tom Postmes, professor de Psicologia Social na Universidade de Groningen, na Holanda. Há anos ele vem fazendo a mesma pergunta aos alunos:

Imaginem um avião fazendo um pouso de emergência e se quebrando em três partes. Enquanto a cabine se enche de fumaça, todos lá dentro percebem: “Precisamos sair daqui”. O que acontece?

- No planeta A, os passageiros viram-se para os que estão ao lado e perguntam se estão bem. Os que precisam de assistência recebem ajuda para sair do avião primeiro. As pessoas estão dispostas a sacrificar a própria vida, mesmo por estranhos que nunca viram antes.
- No planeta B, cada um cuida de si mesmo. Instala-se o pânico. Todos se empurram e se atropelam. Crianças, idosos e portadores de deficiência são pisoteados.

Agora vem a pergunta: em que planeta nós vivemos?

“Eu estimaria que cerca de 97% das pessoas acham que vivemos no planeta B”, diz Postmes. “Mas a verdade é que, na maioria dos casos, vivemos no planeta A.”¹

Não importa a quem você pergunte. De direita ou de esquerda, rico ou pobre, inculto ou bem informado – todos cometem o mesmo erro de julgamento. “Ninguém sabe. Estudantes do curso médio ou de graduação, a maioria dos profissionais, nem mesmo socorristas para casos de emergência”, lamenta Postmes. “E não é por falta de pesquisas. Temos acesso a essa informação desde a Segunda Guerra Mundial.”

Mesmo os mais momentosos desastres da história seguiram o modelo do planeta A. Vamos considerar o naufrágio do *Titanic*. Se você assistiu ao filme, provavelmente acha que todos entraram em pânico (com exceção do quarteto de cordas). No entanto, a evacuação foi bem-ordenada. Uma testemunha ocular lembrou que “não houve indícios de pânico ou histeria nem gritos de medo ou correrias de um lado para o outro”.²

Ou vamos considerar os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001. Enquanto as Torres Gêmeas queimavam, milhares de pessoas desciam calmamente as escadas, mesmo sabendo que sua vida estava em perigo. Abriam caminho para os bombeiros e os feridos. “E realmente as pessoas diziam: ‘Não, não, você primeiro’”, relatou um sobrevivente. “Eu não conseguia acreditar que àquela altura as pessoas dissessem ‘Não, não, vai você primeiro’. Foi inacreditável.”³

Existe um mito persistente de que, pela própria natureza, os humanos são egoístas, agressivos e muito suscetíveis ao pânico. É o que o biólogo holandês Frans de Waal gosta de chamar de *teoria do verniz*: a ideia de que a civilização não passa de uma fina camada de verniz que pode descascar ante qualquer provocação.⁴ Na realidade, é o oposto. É quando surge uma crise – quando caem bombas ou há uma enchente – que os humanos dão o melhor de si.

Em 29 de agosto de 2005, o furacão Katrina atingiu Nova Orleans. As barragens e os muros de contenção que deveriam proteger a cidade não funcionaram. No rescaldo da tormenta, 80% das residências da área foram inundadas e pelo menos 1.836 pessoas morreram. Foi um dos desastres naturais mais devastadores da história dos Estados Unidos.

Durante aquela semana inteira, os jornais publicaram inúmeros casos de estupro e tiroteio por Nova Orleans. Houve relatos aterro-
rizes de gangues itinerantes, saques e franco-atiradores disparan-
do em helicópteros de resgate. Dentro do Superdome, que serviu
como o maior abrigo da cidade na tempestade, apinharam-se 25 mil
pessoas, sem água nem eletricidade. Jornalistas informaram que duas
crianças foram degoladas e que uma menina de 7 anos foi estuprada
e morta.⁵

O chefe de polícia disse que a cidade estava à beira da anarquia,
e a governadora da Luisiana expressou os mesmos temores. “O que
mais me deixa furiosa”, declarou, “é que desastres como esse costumam expor o que há de pior nas pessoas.”⁶

Essa conclusão viralizou. No jornal inglês *The Guardian*, o aclama-
do historiador Timothy Garton Ash articulou o que muitos pensaram:

Basta remover os itens elementares da vida organizada e civi-
lizada – alimento, abrigo, água potável, condições mínimas de
segurança pessoal –, que em poucas horas regredimos a um
estado hobbesiano da natureza, a uma guerra de todos contra
todos. [...] Alguns se transformam temporariamente em anjos,
e a maioria volta a agir como primata.

Lá está ela de novo, em toda sua glória: a teoria do verniz. Segun-
do Garton Ash, Nova Orleans tinha aberto uma pequena rachadura
na “fina camada que recobre o fervilhante magma da natureza, inclu-
sive da natureza humana”.⁷

Somente meses mais tarde – quando os jornalistas foram embora,
as águas da enchente baixaram e os colunistas se dedicaram aos
próximos assuntos – os pesquisadores descobriram o que de fato
acontecera em Nova Orleans.

O que soou como disparos de armas de fogo foi na verdade o
estampido tranquilizador da abertura da válvula de escape de um
tanque de gás. No Superdome, seis pessoas morreram: quatro de
morte natural, uma de overdose e uma se suicidou. O chefe de
polícia foi obrigado a reconhecer que não encontrou nenhum caso
oficialmente registrado de estupro ou assassinato. É verdade que

houve saques, mas basicamente por grupos que se organizaram para sobreviver, em alguns casos até em conluio com a polícia.⁸

Pesquisadores do Centro de Pesquisas de Desastres da Universidade de Delaware concluíram que “a esmagadora maioria das atividades decorrentes foi pró-social por natureza”.⁹ Uma verdadeira armada saiu de lugares distantes, como o Texas, para salvar pessoas das enchentes. Centenas de civis organizaram esquadrões de resgate, como os autodenominados Saqueadores Robin Hood – um grupo de onze amigos que saía em busca de alimento, roupas e medicamentos para distribuir aos necessitados.¹⁰

Em resumo, o Katrina não viu uma Nova Orleans assolada por anarquia e interesses egoístas. Ao contrário, a cidade foi inundada por coragem e altruísmo.

O furacão confirmou o que ciência já sabia sobre a reação humana a desastres. Ao contrário do que em geral vemos em filmes, o Centro de Pesquisas de Desastres da Universidade de Delaware constatou que, em quase setecentos estudos de campo desde 1963, jamais houve uma situação de caos total. Nunca se estabelece o cada um por si. A criminalidade – assassinatos, roubos, estupros – costuma cair. As pessoas não entram em choque, elas se mantêm calmas e resolvem agir. “Seja qual for a extensão dos saques”, destaca um pesquisador de desastres, “é sempre insignificante em comparação ao altruísmo que leva a doações espontâneas em massa e à divisão de bens e serviços.”¹¹

Catástrofes fazem aflorar o melhor nas pessoas. Não conheço nenhuma outra descoberta sociológica, comprovada por tantas evidências concretas, que seja tão sumariamente ignorada. A imagem com que a mídia nos alimenta é quase sempre o oposto do que acontece em casos de desastre.

Enquanto isso, em Nova Orleans, aqueles persistentes boatos estavam custando vidas.

Não querendo se aventurar na cidade sem proteção, os socorristas demoraram a se mobilizar. A Guarda Nacional foi chamada, e, no auge das operações, 72 mil soldados se encontravam no local. “Esses soldados sabem atirar e matar”, declarou a governadora, “e espero que façam isso.”¹²

E foi o que fizeram. Em Danziger Bridge, na região leste da cidade, a polícia abriu fogo contra seis inocentes, moradores negros

e desarmados, matando um garoto de 17 anos e um homem de 40 anos com deficiência mental (cinco dos policiais envolvidos foram depois condenados a longas penas de prisão).¹³

É verdade que o desastre de Nova Orleans foi um caso extremo. Mas a dinâmica durante os desastres é quase sempre a mesma: diante da adversidade, a reação é um movimento de cooperação espontâneo; depois, as autoridades entram em pânico e desencadeiam um segundo desastre.

“Minha impressão é de que o pânico da elite se origina em pessoas de poder, que veem toda a humanidade à própria imagem”, escreve Rebecca Solnit, cujo livro *A Paradise Built in Hell* (2009) [Um paraíso construído no inferno] apresenta um magistral relato sobre as consequências do Katrina.¹⁴ Ditadores e déspotas, governadores e generais – todos costumam apelar à força bruta para evitar cenários que só existem na cabeça deles, baseados na suposição de que o cidadão comum é regido pelos próprios interesses, assim como eles.

2

CRÍTICA

No verão de 1999, em uma pequena escola na cidade de Bornem, na Bélgica, nove crianças foram acometidas por uma estranha doença. Elas chegaram à escola naquela manhã sem sintomas; depois do almoço, estavam doentes. Dor de cabeça. Vômito. Palpitação. Em busca de explicação, a única coisa em que os professores conseguiram pensar foi na Coca-Cola que as nove haviam tomado durante o intervalo.

Não demorou para os jornalistas ficarem sabendo da história. Os telefones do escritório central da Coca-Cola começaram a tocar. Na mesma noite, a empresa soltou um comunicado na imprensa dizendo que milhões de garrafas seriam retiradas das prateleiras dos mercados da Bélgica. “Estamos pesquisando freneticamente e esperamos ter uma resposta definitiva nos próximos dias”, disse uma porta-voz.¹⁵

No entanto, era tarde demais. Os sintomas já haviam se alastrado por todo o país e atravessado a fronteira com a França. Crianças pálidas e inertes entravam em ambulâncias. Em poucos dias, a suspeita abrangia todos os produtos da Coca-Cola. Fanta, Sprite, Nestea,

Aquarius... Todos pareciam ser perigosos para crianças. O “Incidente Coca-Cola” foi um dos piores golpes financeiros nos 107 anos de história da companhia, resultando em *recall* de 17 milhões de caixas de refrigerantes na Bélgica e na destruição do estoque do depósito.¹⁶ No fim, o custo foi de mais de 200 milhões de dólares.¹⁷

Então, algo estranho aconteceu. Passadas poucas semanas, os toxicologistas divulgaram o relatório do laboratório. O que eles encontraram depois dos testes nas latas do refrigerante? Nada. Nenhum pesticida. Nenhum patógeno. Nenhum metal tóxico. Nada. E os testes de sangue e de urina feitos com centenas de pacientes? Bulhufas. Os cientistas foram incapazes de descobrir qualquer causa química para os graves sintomas que até então haviam sido documentados em mais de mil meninos e meninas.

“Aqueles crianças estavam realmente doentes, sem dúvida alguma”, disse um dos pesquisadores. “Mas não por terem tomado Coca-Cola.”¹⁸

Esse incidente remete a uma questão filosófica tão antiga quanto o tempo.

O que é a verdade?

Algumas coisas são verdade, quer você acredite, quer não. A água ferve a 100 °C. Fumar mata. O presidente Kennedy foi assassinado em Dallas em 22 de novembro de 1963.

Outras coisas têm o potencial de ser verdade, se acreditarmos nelas. Nossa convicção torna-se o que os sociólogos chamam de *profecia que se autorrealiza*: ao prever que um banco vai quebrar e convencer um monte de gente a fechar as contas, certamente esse banco vai quebrar.

Ou considere o efeito placebo. Se seu médico receitar um comprimido falso e disser que vai curar sua doença, há uma boa chance de você *se sentir* melhor. Quanto mais dramático o placebo, maiores as chances. Uma injeção, de maneira geral, é mais eficaz que um comprimido, e antigamente até uma flebotomia podia cumprir essa função – não pela medicina medieval ser tão avançada, mas porque as pessoas achavam que tão drástico procedimento teria de causar algum impacto.

E o maior dos placebos? Cirurgia! Vista um avental branco, aplique anestésico, depois saia da sala para tomar um café. Quando

o paciente acordar, diga que a operação foi um sucesso. Um abrangente estudo conduzido pelo *British Medical Journal* comparando verdadeiros procedimentos cirúrgicos com falsas cirurgias (em casos de dores nas costas e azia) revelou que os placebos funcionaram em três quartos dos casos e em metade foram tão eficazes quanto o verdadeiro procedimento.¹⁹

Também funciona no caso inverso.

Ao tomar um comprimido achando que vai ficar doente, há chances de adoecer mesmo. Se avisar aos pacientes que uma droga tem sérios efeitos colaterais, provavelmente isso vai acontecer. Por razões óbvias, o efeito *nocebo*, como é chamado, nunca foi amplamente testado, dada a ética melindrosa de convencer pessoas saudáveis de que estão doentes. Mesmo assim, todas as evidências indicam que *nocebos* podem ser potentes.

Foi o que as autoridades médicas concluíram na Bélgica, no verão de 1999. É possível que houvesse algo errado com um ou dois refrigerantes que aqueles garotos de Bornem tomaram. Quem pode dizer o contrário? No entanto, à parte esse fato, os cientistas foram inequívocos: as centenas de outras crianças em todo o país se contaminaram por uma “doença psicogênica de massa”. Ou seja, foi tudo imaginação.

O que não quer dizer que as vítimas estavam fingindo. Mais de mil crianças belgas realmente sentiram náusea, febre e tontura. Ao acreditar numa coisa, essa coisa pode tornar-se real. Se podemos tirar alguma lição do efeito *nocebo*, é aquela de que ideias nunca são *meramente* ideias. Nós somos aquilo em que acreditamos. Encontramos o que estamos procurando. E o que previmos acaba acontecendo.

Talvez você esteja percebendo o ponto a que quero chegar: nossa visão sombria da humanidade também é um *nocebo*.

Se nós *acreditarmos* que a maioria das pessoas não é confiável, será assim que trataremos uns aos outros, para prejuízo de todos. Poucas ideias têm tanto poder de moldar o mundo quanto a maneira como vemos os outros. Porque, em última análise, se obtém o que já era esperado. Se quisermos enfrentar os maiores desafios atuais – desde a crise climática até a nossa desconfiança cada vez maior uns dos outros –, precisamos começar pela visão que temos da natureza humana.

Contudo, este livro não é um sermão sobre a bondade fundamental das pessoas. É óbvio que não somos anjos. Somos criaturas complexas, com um lado bom e um lado não tão bom. A questão é para qual dos lados nos voltamos.

Meu argumento é simplesmente o seguinte: nós, quando ainda somos crianças – em uma ilha não habitada, em meio a uma guerra ou ante uma crise –, temos por natureza uma forte preferência pelo lado bom. Vou apresentar uma considerável evidência científica mostrando quanto uma visão mais positiva da natureza humana é realista. Ao mesmo tempo, estou convencido de que essa visão seria mais realista se começássemos a acreditar nela.

Paira pela internet uma parábola de origem desconhecida, que contém o que acredito ser uma verdade simples, porém profunda.

Um velho diz ao neto: “Há uma batalha travada dentro de mim. Uma luta terrível entre dois lobos. Um é maligno – raivoso, ganancioso, ciumento, arrogante e covarde. O outro é bondoso – pacífico, amoroso, modesto, generoso, honesto e confiável. Esses dois lobos também estão lutando dentro de você, e dentro de todas as outras pessoas”.

Depois de um momento, o garoto pergunta: “Qual dos lobos vai vencer?”.

O velho sorri.

“O lobo que você alimentar.”

3

Ao longo dos últimos anos, sempre que eu falava com alguém sobre este livro em que estava trabalhando, a reação era de sobrancelhas arqueadas. Expressões de incredulidade. Uma editora alemã recusou sumariamente minha proposta. A justificativa: “Os alemães não acreditam na bondade inerente da humanidade”. Um membro da *intelligentsia* parisiense me garantiu que os franceses precisam de um governo com pulso firme. E quando fiz uma turnê pelos Estados Unidos depois da eleição presidencial de 2016, todos, em todo canto, me perguntavam se não faltava um parafuso em minha cabeça.

A maioria das pessoas é decente? Será que nunca liguei a televisão?

Não muito tempo atrás, um estudo feito por dois psicólogos norte-americanos provou mais uma vez quanto a humanidade se apega à ideia de nossa natureza egoísta. Os pesquisadores apresentaram aos participantes do teste diversas situações mostrando outras pessoas fazendo coisas aparentemente agradáveis. E qual foi o resultado? Basicamente, que somos condicionados a ver egoísmo em toda parte.

Ver alguém ajudando um idoso ou uma idosa a atravessar a rua? Que sujeito exibido. Ver alguém oferecendo dinheiro para uma pessoa em condição de rua? Deve estar querendo se sentir melhor consigo mesmo.

Até quando os pesquisadores apresentavam aos participantes dados concretos sobre estranhos devolvendo carteiras perdidas, ou sobre o fato de que a maioria da população não engana nem rouba, grande parte dos participantes não via a humanidade sob uma luz mais positiva. “Em vez disso, decidiram que comportamentos aparentemente altruístas, no fundo, devem ser egoístas”, escreveu um dos psicólogos.²⁰

O cinismo é a teoria de tudo. O cínico sempre está certo.

Agora você pode pensar algo como: *Espere um pouco, não foi assim que fui criado. No lugar onde nasci, confiamos uns nos outros, ajudamos uns aos outros e deixamos a porta de casa aberta.* E você tem razão, pois é fácil pressupor que as pessoas mais próximas são decentes – amigos, parentes, vizinhos e colegas de trabalho.

No entanto, quando ampliamos a visão para o restante da humanidade, a desconfiança logo assume o controle. Vamos considerar a World Values Survey, uma formidável pesquisa realizada desde os anos 1980 por uma rede de cientistas sociais em mais de cem países. Uma das perguntas-padrão é: “Em termos gerais, você diria que se pode confiar na maioria das pessoas ou que é preciso ter muito cuidado ao lidar com os outros?”.

Os resultados são desalentadores. Em quase todos os países, a grande parte acha que as pessoas não são confiáveis. Mesmo em democracias estáveis, como França, Alemanha, Grã-Bretanha e Estados Unidos, a maioria da população compartilha essa triste visão dos seres humanos.²¹

A questão que me fascina há muito tempo é *por que* temos essa visão negativa da humanidade. Se nosso instinto é confiar em nossas comunidades imediatas, por que mudamos de atitude em relação

aos indivíduos como um todo? Por que tantas leis e regulamentações, tantas empresas e instituições, partem do pressuposto de que as pessoas não merecem confiança? Por que insistimos em acreditar que vivemos no planeta B, quando a ciência nos dá todas as provas de que vivemos no planeta A?

Será falta de boa formação? Dificilmente. Neste livro, vou apresentar dezenas de intelectuais que acreditam ferrenhamente na imortalidade humana. Convicções políticas? Mais uma vez, não. Um bom número de religiões assume como princípio de fé que os humanos estão atolados no pecado. Muitos capitalistas presumem que todos somos motivados por nossos interesses. Um bocado de ambientalistas vê os humanos como uma praga destrutiva. Milhares de opiniões; uma só visão da natureza humana.

Isso me faz refletir. Por que imaginamos que humanos são maus? O que nos fez começar a acreditar na natureza malévola de nossa espécie?

Imagine por um momento uma nova droga sendo lançada no mercado. É uma droga extremamente viciante, e em pouco tempo todos serão dependentes. Os cientistas investigam e logo concluem que a droga provoca – e estou citando – “uma falsa percepção de perigo, ansiedade, desânimo, sensação de desamparo, desprezo e hostilidade para com os outros e dessensibilização”.²²

Será que usaríamos essa droga? Você deixaria seus filhos a experimentarem? O governo a legalizaria? Para todas as perguntas: sim. Porque estamos falando sobre o que já é um dos maiores vícios hoje. Uma droga que usamos diariamente, fortemente subsidiada e distribuída para nossos filhos em escala maciça.

Essa droga são as notícias.

Cresci acreditando que notícias são boas para o desenvolvimento individual. Que ler os jornais e assistir ao noticiário é um dever do cidadão engajado. Que, quanto mais acompanharmos as notícias, mais bem informados seremos e mais saudável será nossa democracia. Essa é a história que muitos pais continuam contando aos filhos, mas os cientistas estão chegando a conclusões bem diferentes. Notícias, segundo dezenas de estudos, são danosas à saúde mental.²³

O primeiro a abrir esse campo de pesquisas, nos anos 1990, foi George Gerbner (1919-2005). Foi também ele quem cunhou um

termo para definir o fenômeno que descobriu: *síndrome do mundo cruel*, cujos sintomas clínicos são cinismo, misantropia e pessimismo. Pessoas que acompanham notícias são mais propensas a concordar com afirmações como “a maioria das pessoas só se importa consigo mesma”. São as que mais acreditam que, enquanto indivíduos, somos incapazes de melhorar o mundo. São as que mais tendem a se sentir estressadas e deprimidas.

Alguns anos atrás, foi pedido a indivíduos de trinta países que respondessem a uma simples pergunta: “No geral, você acha que o mundo está ficando melhor, continua o mesmo ou está piorando?”. Em todos, da Rússia ao Canadá, do México à Hungria, a grande maioria respondeu que as coisas estão ficando *piores*.²⁴ A realidade é exatamente o contrário. Durante as últimas décadas, caíram os índices de pessoas que vivem em extrema pobreza, de vítimas de guerras, de mortalidade infantil, de criminalidade, de fome, de trabalho infantil e de morte por desastres naturais, bem como o número de quedas de aviões. Vivemos na época mais rica, mais segura e mais saudável de todos os tempos.

Por que não percebemos isso? Simples. Porque as notícias são sobre o excepcional, e quanto mais excepcional o evento – seja um ataque terrorista, um levante violento ou um desastre natural –, maior será o valor da notícia. Você nunca verá uma manchete anunciar NÚMERO DE PESSOAS VIVENDO EM EXTREMA POBREZA DIMINUIU EM 137 MIL DESDE ONTEM, embora fosse mais exato informar que isso vem acontecendo *a cada dia durante os últimos 25 anos*.²⁵ Tampouco você verá uma transmissão ao vivo com um repórter dizendo: “Estou aqui, no meio do nada, onde hoje ainda não há sinais de guerra”.

Poucos anos atrás, uma equipe de sociólogos holandeses analisou como os acidentes aéreos são noticiados. Entre 1991 e 2005, enquanto o número de acidentes diminuía em ritmo constante, eles descobriram que a atenção da mídia a esse tipo de acidente aumentou de forma estável. Como se poderia esperar, as pessoas passaram a sentir mais medo de voar em aviões cada vez mais seguros.²⁶

Em outro estudo, pesquisadores da mídia compilaram um banco de dados com mais de 4 milhões de notícias sobre imigrantes, crimes e terrorismo, a fim de determinar se havia algum padrão. A conclusão a que chegaram foi de que, quando a imigração ou a violência declinam, os jornais *aumentam* a cobertura desses temas. “Portanto”,

concluíram, “parece não haver nenhuma relação ou até haver uma relação negativa entre as notícias e a realidade.”²⁷

Obviamente, quando digo “notícias”, não estou me referindo ao jornalismo em geral. Muitas formas de jornalismo nos ajudam a entender o mundo. No entanto, notícias como as que divulgam eventos recentes, incidentais e sensacionais são mais comuns. Oito de cada dez adultos nos países ocidentais consomem notícias diariamente. Na média, passamos uma hora por dia tomando nossa dose de notícias. Somadas ao longo da vida, equivalem a três anos.²⁸

Por que os humanos somos tão suscetíveis a notícias sobre desgraças e tristezas? Por duas razões. A primeira é aquela que os psicólogos chamam de *viés de negatividade*: estamos mais sintonizados com o ruim que com o bom. Nos tempos em que éramos caçadores e coletores, era melhor sentir cem vezes mais medo de uma aranha ou de uma cobra que deixar de sentir medo uma vez. Medo demais não nos mataria; medo de menos certamente sim.

A segunda é o fato de que também carregamos o fardo de um *viés de disponibilidade*. Se conseguimos nos lembrar facilmente de exemplos de alguma coisa, logo supomos que essa coisa é relativamente comum. O fato de sermos bombardeados todos os dias por histórias horríveis de desastres aéreos, sequestradores de crianças e decapitações – que tendem a se alojar em nossa memória – distorce por completo nossa visão de mundo. Como observa o estatístico libanês Nassim Nicholas Taleb: “Não somos suficientemente racionais para estarmos expostos à imprensa”.²⁹

Nesta nossa era digital, as notícias que nos alimentam estão se tornando cada vez mais radicais. Antigamente, os jornalistas não sabiam muito sobre cada um de seus leitores. Eles escreviam para as massas. Os que estão por trás do Facebook, do Twitter e do Google, porém, nos conhecem muito bem. Sabem o que nos choca e horroriza, sabem o que mexe conosco. Sabem como captar nossa atenção e mantê-la para apresentar as porções mais lucrativas de anúncios personalizados.

Esse frenesi da mídia moderna não é nada menos que uma agressão ao corriqueiro. Porque, sejamos honestos, a vida da maioria das pessoas é bem previsível. Normal, porém chata. Assim, apesar

de preferirmos ter vizinhos normais com uma vida chata (e felizmente grande parte deles se encaixa nesse perfil), o que é “chato” não chama nossa atenção. O “normal” não vende anúncios. É por isso que o vale do Silício continua nos oferecendo cada vez mais tentações para clicar, pois eles sabem muito bem que, como certa vez ironizou um romancista suíço, “notícias estão para a mente assim como o açúcar está para o corpo”.³⁰

Alguns anos atrás, decidi mudar minha vida. Deixei de assistir ao noticiário e de consultar meu celular no café da manhã. A partir de então, eu leria um bom livro. Sobre história. Psicologia. Filosofia.

Não demorou, porém, para eu perceber algumas coisas em comum. A maioria dos livros também é sobre o excepcional. Os títulos de história mais vendidos são invariavelmente sobre catástrofes e adversidades, tirania e opressão. Sobre guerras e mais guerras e, para dar um pouco mais de tempero, outra guerra. E se, para variar, não houver guerra, é porque estamos no que os historiadores chamam de *interbellum*, ou entreguerras.

A visão de que a humanidade é ruim também vem dominando a ciência há décadas. Procure um livro sobre a natureza humana, e você vai encontrar títulos como *Demonic Males* [Machos demoníacos], *O gene egoísta* e *The Murderer Next Door* [Vizinho assassino]. Há muito os biólogos adotaram a mais sombria teoria da evolução, segundo a qual, mesmo se um animal *aparentava* fazer algo de bom, era enquadrado como apresentando uma atitude egoísta. Afeições familiares? Nepotismo! Um macaco dividindo uma banana? Explorado por um aproveitador!³¹ Como ironizou um biólogo norte-americano: “O que se passa por cooperação se transforma numa mistura de oportunismo com exploração. [...] Arranje um ‘altruísta’, e verá um ‘hipócrita’ sangrar”.³²

E em economia? A mesma coisa. Os economistas definem nossa espécie como *Homo economicus*: sempre atento ao ganho pessoal, como robôs egocêntricos e calculistas. Baseados nessa noção da natureza humana, economistas construíram uma catedral de teorias e modelos que acabaram servindo como referência a resmas de legislações.

Contudo, ninguém chegou a pesquisar se o *Homo economicus* de fato existe. Isto é, até o economista Joseph Henrich e sua equipe abordarem o assunto, em 2000. Em visitas a quinze comunidades em

doze países, eles aplicaram testes em fazendeiros, nômades, caçadores e coletores, tudo em busca do hominídeo que durante décadas orientou a teoria econômica. Mas foi em vão. Em todas as ocasiões, os resultados mostraram que as pessoas são simplesmente muito decentes. Muito generosas.³³

Depois de publicar essas influentes descobertas, Henrich continuou sua busca pelo ser mítico a partir do qual muitos economistas teceram teorias. E acabou encontrando o *Homo economicus* em carne e osso. Embora *Homo* não seja exatamente a palavra certa. No fim, o *Homo economicus* não é um humano, mas um chimpanzé. “As previsões do modelo de *Homo economicus* se provaram aplicáveis na previsão do comportamento dos chimpanzés em experimentos simples”, observou Henrich. “Assim, todo o trabalho teórico não foi um desperdício, mas aplicado à espécie errada.”³⁴

Menos engraçado é que essa visão turva da natureza humana vem funcionando como placebo há décadas. Nos anos 1990, o professor de economia Robert Frank quis saber como a concepção dos humanos enquanto essencialmente egoístas afetaria seus alunos. Ele elaborou uma série de exercícios para avaliar a generosidade dos estudantes. O resultado? Quanto mais estudavam economia, mais egoístas se tornavam. “Nós nos tornamos o que ensinamos”, concluiu Frank.³⁵

A doutrina de que os humanos são egoístas natos tem uma tradição consagrada no cânone ocidental. Grandes pensadores como Tucídides, Agostinho, Maquiavel, Hobbes, Lutero, Calvino, Burke, Bentham, Nietzsche, Freud e os patriarcas fundadores dos Estados Unidos tinham a própria versão da teoria do verniz da civilização. Todos acreditavam que vivemos no planeta B.

Essa visão cínica já circulava entre gregos antigos. Podemos identificá-la nos textos do primeiro historiador, Tucídides, quando ele descreve uma guerra civil ocorrida na ilha grega de Córceira em 427 a.C. “Com as convenções normais da vida civilizada abolidas pela confusão”, escreveu, “a natureza humana, sempre pronta a transgredir mesmo quando existem leis, revelou-se orgulhosamente em suas verdadeiras cores.”³⁶ Em outras palavras, as pessoas se comportaram como feras.

Desde sua origem, o cristianismo também foi permeado por uma visão negativa. Agostinho (354-430), o Pai da Igreja, ajudou a popu-

larizar a ideia de que os humanos nasceram em pecado. “Ninguém está livre do pecado”, escreveu, “nem mesmo uma criança cujo ciclo de vida na Terra é de um único dia.”³⁷

Esse conceito de pecado original continuou popular durante a Reforma, quando os protestantes romperam com a Igreja Católica Romana. Segundo o teólogo e reformador João Calvino: “Nossa natureza não só é destituída e vazia de bem, mas também tão fértil e frutífera para todo mal que não pode ficar ociosa”. Essa convicção foi codificada em textos fundamentais dos protestantes, como *O catecismo*, de Heidelberg (1563), que diz que os humanos são “totalmente incapazes de fazer qualquer bem e inclinados a todo o mal”.

Estranhamente, não só o cristianismo tradicional, mas também o Iluminismo, que colocou a razão acima da fé, tem raízes numa visão soturna da natureza humana. Os fiéis ortodoxos estavam convencidos de que nossa espécie é essencialmente depravada, e o melhor que podemos fazer é aplicar uma fina camada de piedade. Os filósofos do Iluminismo ainda acreditavam que somos depravados, mas prescreviam um revestimento de razão para encobrir a podridão.

No que diz respeito às noções sobre a natureza humana, é impressionante sua continuidade por todo o pensamento ocidental. “Pois isto pode ser dito dos homens em geral: que eles são ingratos, volúveis, hipócritas”, sintetizou Nicolau Maquiavel, o fundador da ciência política. “Todos os homens seriam tiranos se pudessem”, concordou John Adams, fundador da democracia dos Estados Unidos. “Somos descendentes de uma interminável série de gerações de assassinos”, diagnosticou Sigmund Freud, fundador da psicologia moderna.

No século XIX, Charles Darwin surgiu em cena com sua teoria da evolução, que também logo foi tratada como verniz. O renomado cientista Thomas Henry Huxley (vulgo “bulldog de Darwin”) apregoava que a vida é uma grande batalha “do homem contra o homem e de nação contra nação”.³⁸ O filósofo Herbert Spencer vendeu centenas de milhares de livros baseados na avaliação de que devemos atizar as chamas dessa batalha, já que “todo o esforço da Natureza é se livrar [dos pobres] – para eliminá-los do mundo e abrir lugar para os melhores”.³⁹

O mais estranho de tudo é que esses pensadores foram quase unanimemente saudados como “realistas”, enquanto pensadores dissidentes eram ridicularizados por acreditarem na decência humana.⁴⁰ Emma Goldman, feminista cuja luta pela liberdade e pela igualdade

foi motivo de calúnia e desprezo durante toda a vida, escreveu certa vez: “Pobre natureza humana, que crimes horríveis foram cometidos em teu nome! [...] Quanto maior o charlatão mental, mais definitiva sua insistência na maldade e na fraqueza da natureza humana”.⁴¹

Só recentemente cientistas de uma série de diferentes campos chegaram à conclusão de que nossa visão sombria da humanidade precisa de uma revisão radical. Essa tomada de consciência ainda é tão incipiente que muitos deles não percebem que não estão sós. Como exclamou uma proeminente psicóloga ao saber dessa nova corrente na biologia: “Meu Deus, então isso também está acontecendo lá?”.⁴²

4

Antes de falar sobre minha busca por uma nova visão da humanidade, gostaria de compartilhar três alertas.

Primeiro, defender a bondade humana é como enfrentar uma hidra – aquele monstro mitológico de sete cabeças que formava duas novas cabeças a cada uma que Hércules decepava. O cinismo funciona dessa forma. Para cada argumentação misantrópica que você esvazia, outras duas surgirão no lugar. A teoria do verniz é um zumbi que sempre volta.

Segundo, defender a bondade humana é tomar uma posição contra os poderes vigentes. Para os poderosos, qualquer visão esperançosa da natureza humana é uma ameaça direta. Subversiva. Sediciosa. Implica não sermos as feras egoístas que precisam ser domadas, restringidas e regulamentadas. Implica precisarmos de um tipo diferente de liderança. Uma empresa com funcionários intrinsecamente motivados não precisa de gerentes; uma democracia com cidadãos engajados não precisa de políticos de carreira.

Terceiro, defender a bondade humana significa se expor a uma tempestade de ridicularizações. Você vai ser chamado de ingênuo. Obtuso. Qualquer fragilidade no raciocínio será impiedosamente exposta. Basicamente, é mais fácil ser cínico. O professor pessimista que apregoa a doutrina da depravação humana pode prever o que quiser, pois, se suas profecias não se realizam no momento, basta esperar: o fracasso pode estar ao virar a esquina. Ou, então, foi a voz

da razão que evitou o pior. Os profetas da desgraça parecem, oh, tão profundos, independentemente do que disserem.

As razões para a esperança, por sua vez, são sempre temporárias. Nada deu errado – ainda. Você não foi enganado – ainda. Um idealista pode estar certo durante toda a vida e, ainda sim, ser descartado como ingênuo. Este livro pretende mudar isso. Pois o que hoje parece irrazoável, irrealista e impossível pode se tornar inevitável amanhã.

Chegou a hora de um novo realismo. Chegou o momento de uma nova visão da humanidade.

CRÍTICA